

Pensar a identidade latino-americana através das obras literárias *Cien Años de Soledad* de Gabriel García Márquez e *El Laberinto de la Soledad* de Octávio Paz

Karla Pereira Cunha
Mestranda em História - UFJF

Nos últimos anos, ampliou-se de maneira considerável o campo de pesquisa da História, destacadamente no âmbito cultural. A partir de 1960, o mapa do conhecimento histórico expandiu-se com a inserção de novos temas, métodos, fontes e objetos a serem investigados pelo historiador. Esta ampliação possibilitou a incorporação de inúmeras temáticas, como o urbano, a família, a criança, a morte, a educação, assim como a história dos excluídos sociais como os pobres, as prostitutas, os negros, as mulheres, os índios, dentre outros. Inserida num domínio vasto, a história cultural engloba conceitos como o de representações, idéias, mentalidades e diferentes maneiras de ser e sentir. Estes estudos culturais trazem a marca da multiplicidade e/ ou da interdisciplinaridade¹. Assim, a História abre um diálogo com outros domínios como, por exemplo, a Antropologia, a Filosofia, a Psicologia e a Literatura e novas modalidades de escrita da história também emergiram no bojo destas transformações, como por exemplo, a narrativa histórica².

Esta pesquisa propõe não simplesmente estudar a relação da História e da Literatura, mas acima de tudo, mostrar como a literatura pode servir de objeto para a História. Na América Latina, a sociedade está representada, criticada e analisada, através da literatura, que logo em seus primórdios teve que enfrentar a questão como a da cultura, identidade e da relação com o Outro. Esta busca pressupõe a reconstrução crítica do passado e uma reflexão da própria História.

Assim, o trabalho visa discutir a respeito da formação da identidade na América Latina nos anos de 1950 a 1960 a partir do estudo de duas obras literárias: o ensaio *El Laberinto de la Soledad*, do mexicano Octávio Paz e o romance *Cien Años de Soledad*, do colombiano Gabriel García Márquez, obras publicadas em 1950 e 1967 respectivamente³. Gostaríamos de salientar que não é nossa pretensão proceder a uma análise dos livros

¹ ESCOSTEGUY, Ana Carolina. *Cartografia dos estudos culturais*: uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p: 42-43.

² BURKE, Peter (org). *A escrita da História*: novas perspectivas. São Paulo: EDUNESP, 1992.

³ Esta pesquisa faz parte de um trabalho de Mestrado em andamento, portanto, esta comunicação consiste em apenas informações iniciais e preliminares.

enquanto produção estética, mas compreender os autores e sua produção enquanto homens do seu tempo, enquanto elaboradores de um sistema próprio de representação e de entendimento da história latino americana.

A questão da identidade na América Latina é um rico campo de problemática da história social da cultura. Retornou com novas discussões, principalmente motivada por contextos como o de modernidade, globalização, mercados comuns e cultura global⁴. Em toda a América Latina, a identidade é uma questão em aberto e que precisa ser discutida, (ou retomada). Nas últimas décadas, vemos que as interações transnacionais têm se reproduzido intensamente, desde a mundialização dos sistemas de produção e transferências financeiras até a disseminação das informações e das imagens, além da translocação em massa de pessoas, como turistas, trabalhadores imigrantes ou refugiados.

O processo de globalização da sociedade redefiniu desta forma, as relações entre os povos, etnias e culturas. O antropólogo Nestor García Canclini⁵ considera que o desafio atual é reconceituar a identidade cultural levando em conta a reorganização dos mercados e dos consumos. Ele postula que as idéias tradicionalmente utilizadas para entender o processo de formação de uma identidade nacional devem ser colocadas em questão, num mundo em que prima a desterritorialização, a ausência de fronteiras nacionais e que aspira por uma formação cultural híbrida do homem.

Observamos que o estudo da identidade latino-americana começou primeiramente como uma interrogação política, literária e filosófica para posteriormente ter notoriedade na historiografia⁶. Os intelectuais e artistas latino-americanos tiveram como uma de suas principais preocupações a busca por uma identidade cultural própria, que singularize sua produção no âmbito da produção artística mundial. Esta atitude constitui uma característica interessante dos intelectuais latino-americanos. Para Jorge Castañeda, a explicação para este privilegiado campo de atuação do intelectual na América Latina, reside na existência de um Estado forte e uma sociedade civil fraca⁷. O intelectual, nascido em um ambiente no qual o social e o político encontram-se dissociados, assumia a tarefa de mediador entre estas duas instâncias.

Desta forma, a arte - e a literatura de forma particular - foi transformada em sistema de combate dos escritores que se colocaram a serviço de alguma causa. Os livros escritos por estes literatos, têm demonstrado acentuada tendência para a linha da política. Isto deve

⁴ Vide, QUIJANO, Aníbal. "Notas sobre a questão da identidade e nação no Peru". *Estudos Avançados-USP*, v.6, n.16, setembro-dezembro/1992, p: 73- 80. Ver também, especialmente, a conclusão de GRUZINSKI, Serge. *O Pensamento Mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p: 305- 320.

⁵ CANCLINI, Nestor García. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2000. Ver especialmente o capítulo 7- "Culturas Híbridas, Poderes Oblíquos" p: 283-350.

⁶ MARTINS, Estevão. Cultura histórica e identidade: a América Latina e o Mercosul. *Estudos de História UNESP*, v. 7, n. 2, 2000, p: 11-35, p: 22-23.

⁷ FREDRIGO, Fabiana de Souza. Os intelectuais e a política nos regimes autoritários: um estudo do caso do Chile. *Estudos de História UNESP*. v.7, n.2, 2000. p: 232.

ao fato da própria realidade em que seus produtores se encontram inseridos: os escritores da América atacam as ditaduras locais e os problemas sociais, e, denunciam as injustiças efetivadas pelos ditadores e pelos detentores do poder⁸. Portanto, esta pesquisa parte do pressuposto de que, na segunda metade do século XX, a Literatura latino-americana teve como uma de suas principais preocupações a busca da especificidade do ser latino-americano e por meio dela, os escritores participaram da política e das reivindicações sociais.

Para criar uma obra, da mesma forma que um historiador, o escritor deve analisar cuidadosamente a sociedade na qual a obra se situa, servindo a obra, portanto, como uma espécie de espelho de determinada época, povo ou contexto. Uma obra literária é antes de tudo uma criação individual, contudo reflete a sociedade narrada, estando desta forma, organicamente fundida com a realidade histórica. O escritor também é um intelectual: se suas idéias não estão corretas, não conhece bem a realidade que estuda.

Na primeira metade do século XX, vemos ser publicadas em toda a América Hispânica importantes obras que seguem uma linha engajada, sobressaindo (pela qualidade e quantidade) a Venezuela, México e Guatemala⁹. Entre os escritores deste período, merece destaque o guatemalteco Miguel Ángel Astúrias¹⁰.

Ainda começo do século XX, seguindo esta linha engajada, vemos emergir a questão do indigenismo, principalmente na região andina¹¹. A questão do indigenismo é, provavelmente, um dos elementos mais originais da literatura hispano-americana e dentre os autores desta linha merece destaque dois peruanos: José María Arguedas e José Carlos Mariátegui. Este último, em sua obra *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana*¹², de 1928, propõe um programa de renovação nacional baseado na integração de todo Peru num mundo moderno e mais justo em relação às classes desfavorecidas. Ele elaborou um pensamento latino americano original, conforme os parâmetros do socialismo, através de uma compreensão singular e da visão crítica do momento histórico vivido.

⁸ SALLES, Fritz Teixeira. Miguel Angel Astúrias e a novela hispano-americana. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*-UFMG, v. III, n. 6, julho de 1959, p: 152.

⁹ Idem, ibidem, p: 153.

¹⁰ idem, ibidem, p: 159. Já no ano de 1959, Salles escreve um texto onde ressalta a importância da literatura engajada com os problemas sociais e políticos. Salles estuda o livro de Astúrias, *El Señor Presidente*, publicado em 1946. Neste livro, o autor fazia uma severa crítica à tirania de Estrada Cabrera, ditador da Guatemala nesta época. Era também uma denúncia da pobreza e a crueldade da vida que se desenrola em seu país e que não diferia muito dos outros países vizinhos. Até então, ainda de acordo com Salles, este era o principal livro de cunho eminentemente engajado ser escrito na América, por um autor também natural desta região.

¹¹ Vide: POLAR, Antonio Conejo. PIZARRO, Ana. *América Latina: Palavra, Literatura e Cultura*. São Paulo: Memorial; Campinas: Unicamp, v:2, 1994, p: 721. neste ensaio, o professor Polar nos apresenta singularidade que foi a literatura indigenista para o continente, segundo ele, o indigenismo foi uma das manifestações típicas do nacionalismo cultural latino americano.

¹² MARIATEGUI, José Carlos. *Sete Ensaios de interpretação da realidade peruana*. São Paulo: Alfa- Ômega, 1975.

Mas o amadurecimento da literatura na América Latina ocorreu com o “boom” dos anos de 1960, apresentando, logo no início desta década, uma abundância de tendências e uma multiplicidade de escritores. Foram os anos em que se destacam Miguel Angel Astúrias, Alejo Carpentier, Juan Carlos Onetti, Julio Cortazar, Mario Vargas Llosa, Augusto Roa Bastos, Gabriel García Márquez, dentre outros. Os intelectuais desta época, procuravam discutir a identidade através do próprio olhar que tinham da história e da realidade latino-americana. Os autores deste período promoveram uma verdadeira renovação da literatura latino-americana e a projetou mundialmente.

Através do estilo literário denominando “realismo mágico”¹³ os romancistas propõem reinterpretar a história do continente opondo-se a toda uma mentalidade perpetuada pela elite local e pelos discursos da história oficial. Trava-se então de uma luta contra o esquecimento promovido pelo poder e de fazer emergirem aspectos do passado que haviam sido silenciados pelas representações oficiais.

Evidencia o homem nativo em seu conflito constante contra as forças de dominação econômica, que carregam consigo, implicitamente, a dominação ideológica e cultural. É também expressão de uma nova forma de consciência, onde o tema em comum a quase todos eles é o desentranhar o que é a realidade latino-americana e a consciência de si mesmo. A sua base está na associação de acontecimentos cotidianos a elementos fantásticos (folclore, mitos, lendas, fábulas, etc). Em termos de influência, os nomes mais conhecidos são William Faulkner e James Joyce, no entanto, em tempos mais recentes, também Kafka e Marcel Proust foram referidos.

O pensamento central gira em torno das dualidades e dicotomias que nesta região são mais regra que exceção e que se manifestam em vários pontos: desde logo a vizinhança com o imaginário indígena, mas também as constantes perturbações, como regras ou conflitos fronteiriços. Há também outro tipo de convivências referidas: urbano e índio; espiritual e supersticioso; civilizado e rústico; cidade e selva; cosmopolitismo e exotismo. Esta “nova literatura”, como ficou conhecida, buscava oferecer um retrato fidedigno da sociedade e seus elementos, explorando o universo cultural latino-americano, sobretudo os espaços rurais ou pequenos povoados. A narrativa deste período procura trabalhar com a multitemporalidade que caracteriza o continente e no lugar do tempo retilíneo, trabalha com o tempo circular, mítico ou a mistura de várias concepções de tempo. Em *Cien Anos de Soledad*, escrito em 1967, Gabriel García Márquez, - um dos grandes

¹³ Sobre o Realismo Mágico, há uma vasta bibliografia. Consultar por exemplo: CHIAMPI, Irlemar. *O Realismo Maravilhoso*. São Paulo: Perspectiva, 1980. Ver também JOSEF, Bella. *A Máscara e o Enigma*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986, p: 190- 201.

representantes desta tendência -observamos muitas das características do “realismo mágico”¹⁴.

Nascido na Colômbia em 1928, Gabriel José García Márquez é considerado um dos principais escritores latino-americanos contemporâneos, graças principalmente ao impacto obtido com a publicação desta narrativa. Márquez passou sua infância em sua terra natal, Aracataca, na casa de seus avós maternos e posteriormente mudou-se para Bogotá, onde iniciou o curso de Direito. Curso que interrompeu para se dedicar ao Jornalismo e à Literatura e nessa época publicou seu primeiro conto. Como jornalista, fez grandes reportagens, críticas de cinema e viajou por vários países do mundo, como França, Itália, Alemanha, Espanha. Estudou no Centro Experimental de Cinema em Roma e fez uma viagem de três meses aos países socialistas, radicando-se depois em Paris.

Morou também em vários países da América Latina, como Cuba, Venezuela e México. Chegando à capital mexicana, em 1960, para escrever roteiros de cinema, García Márquez envia pelo correio o texto de seu novo romance a uma editora de Buenos Aires, que lhe custou quase dois anos para escrever. Nasce assim o romance que tem sido considerado como o mais brilhante em língua espanhola no século XX. *Cien Años de Soledad* significou um ponto de inflexão na vida de Gabriel García Márquez, que neste momento estava com quarenta anos e até então tinha exercido literatura e jornalismo. Em 1982, García Márquez recebeu na Cidade do México a notícia de que lhe tinha sido outorgado o Prêmio Nobel de Literatura.

No que se refere à produção literária no México nesse mesmo período, tomamos conhecimento de um grande número de escritores, poetas e ensaístas que buscam analisar em suas obras a essência profunda de seus habitantes e de seu país. Teve precursores como Alfonso Reyes, Mariano Azuela, Samuel Ramos, logo no início do século XX. Nos anos de 1950 e 1960, destacam-se Carlos Fuentes e Juan Rulfo e especialmente Octávio Paz (1904-1998) com *El Laberinto de la Soledad*, ensaio publicado em 1950 e também sua principal obra. Nela discute a respeito da formação da identidade mexicana ao longo de toda a história do país - da conquista indo até a época presente¹⁵.

Octávio Paz, um dos mais destacados intelectuais do México e da América Latina, nasceu em 1914 na Cidade do México, pertencendo a uma família tradicional. O pai, também chamado Octávio Paz, foi secretário do líder revolucionário mexicano Emiliano Zapata e sobre ele, publicou uma biografia. Quando Zapata foi assassinado em 1919, a família de Paz teve que se exilar durante algum tempo em Los Angeles, nos Estados

¹⁴ GARCÍA-MÁRQUEZ, Gabriel. *Cien Años de Soledad*. 30 ed. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1972.

¹⁵ PAZ, Octávio. *El Laberinto de la Soledad*. 21 ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

Unidos. Esta experiência de imigrante lhe inspirará, tempos depois, a escrever *El Laberinto de la Soledad*.

O escritor foi nomeado, em 1946, adido cultural da embaixada do México em Paris. Posteriormente, realizou atividades diplomáticas no Japão e nos Estados Unidos e foi embaixador do México na Índia, cargo que renunciou em 1968, em repúdio ao massacre na Praça das Três Culturas (Tlatelolco), promovido pelo governo mexicano. Em 1990, ganha o Prêmio Nobel de Literatura. Atuou como poeta, ensaísta, tradutor, diplomata, crítico de arte, professor. Motivado por uma cultura cosmopolita escreve sobre os mais diversos temas, como a crítica literária, a estética, a arte, a filosofia, a antropologia a religião, ensaios históricos e políticos e temas recorrentes do seu tempo. Paz fez parte do grupo de poetas e ensaístas que se ocupam de analisar o rosto do México depois da Revolução (1911-1917), que para ele, é considerada um acontecimento decisivo na revelação do ser mexicano e na tentativa de dar um rosto próprio ao país.

Análise das obras: *Cien Años de Soledad* e *El Laberinto de la Soledad*

Analisando comparativamente as duas obras, vemos que Gabriel García Márquez e Octávio Paz, mesmo utilizando modalidades de escritas diferentes (uma narrativa e um ensaio), desenvolveram análises paralelas, recorrendo a argumentos semelhantes. Ambos buscam nestas obras questionar acerca da identidade do homem latino americano, seu caráter solitário e abordar a história do continente através de elementos simbólicos. Nos concentramos aqui, especialmente nas questões relacionadas à problemática da busca por uma identidade latino-americana. O que torna singular as narrativas de Márquez e de Paz decorre da forma como utilizam a História como meio para fazerem uma reflexão sobre o ser humano e sua identidade.

Paz e Márquez, mesmo antes que a discussão sobre o pós-modernismo e a pós-modernidade ganhasse espaço, já mostravam seus problemas e limitações. Já reconheciam que vivíamos em um momento histórico crítico e que, portanto, exigia a crítica a certos fundamentos da modernidade. E esta atitude, cada um ao seu modo particular, se fez presente nos dois autores.

Em *Cien Años de Soledad*, adentramos no mundo mítico de Macondo. Começa no tempo da conquista, quando José Arcádio Buéndia funda a vila, por meio de um êxodo através da selva, acompanhado por sua esposa Úrsula Iguáran e por um pequeno grupo de seguidores. Macondo é então, uma pequena vila no meio do nada, cuja existência passa despercebida através do tempo. A vila e seus habitantes pararam num tempo longínquo e a existência destes se desenrola envolvida por uma aura mágica livre do peso do evoluir da ciência e da própria vida em geral. O único contato que Macondo viria a ter com o mundo

real seria através de um grupo de ciganos comerciantes, habituados a percorrer o mundo, que certo dia ao atentarem no seu regresso, acidentalmente descobriram Macondo. A partir desta data, todos os anos estes mesmos ciganos se deslocavam até Macondo, onde eram ansiosamente esperados.

Será neste recôndito pedaço de terra no meio do vazio, que iremos encontrar uma família peculiar: a família Buendía. Esta é a história de uma família onde o percurso de cada um dos seus membros é retratado e onde estes se cruzam deixando marcas indeléveis no percurso de outros, uma família na qual cada geração possui uma forte ligação com aquela que a antecedeu e assim sucessivamente. Tal fato pode ser ilustrado através da escolha dos nomes dados aos descendentes da família, pois a cada novo nascimento, ocorre a repetição do nome daquele que o precedeu.

A história da vila encontra-se intrinsecamente ligada à trajetória da família Buendía e a noção de tempo contida na obra encontra-se também intimamente ligada aos membros da família: não é um tempo cronológico, as mudanças temporais voltam a se repetir com o suceder das gerações. A idéia central de toda a obra é a solidão que está presente em todos os personagens e constitui elemento fundamental da configuração de suas identidades.

Além disso, a narrativa retrata a violência, o papel da empresa estrangeira, os avanços tecnológicos, a chegada da ferrovia e do trem, o significado da morte e a associação dos eventos do cotidiano com o aspecto místico, folclórico e supersticioso. Podemos ver nesta obra a influência do escritor norte-americano William Faulkner, que também utiliza elementos míticos e folclóricos em seus escritos. Além de Faulkner, outras influências teóricas que observamos, não somente nesta obra, mas nos outros livros de García-Márquez são: Virgínia Woolf, Kafka e Hemingway.

Cien Años de Soledad reinterpreta o mito do paraíso perdido. A ação da obra é vasta, constante e fértil. A aparição de espectros, alquimia, reversibilidade do tempo, peste da insônia e do esquecimento, mostram a filiação de Márquez ao “realismo mágico”. Enquanto os Buendía nascem e morrem, Macondo se povoa, cresce, prospera, arruína-se e desaparece do mapa. A Igreja se implanta no local, que se vê afetado pelos tumultos políticos, pela expansão norte-americana, pela modernização que representou a chegada da estrada de ferro e pelo impacto que tal chegada acarretou aos habitantes, no seu cotidiano, no seu ritmo de tempo. A obra destaca-se por seu esplendor imaginativo e verbal, por sua intensa penetração na alma humana, pelo seu poder de inquietação.

García Márquez adota em sua narrativa, temas retirados da cultura popular e de reminiscências de sua própria infância em Aracataca, (principalmente as histórias contadas por seus avós maternos) e reproduz o discurso dos excluídos que foram marginalizados e

que tiveram suas memórias subjugadas. Pela via do “realismo mágico”, o escritor procura desvendar verdades históricas que foram esquecidas ou ignoradas.

El Laberinto de la Soledad é o livro mais polêmico e conhecido de Octavio Paz. Como ensaio é uma obra incitadora, audaciosa. Propõe refletir da realidade e também revela o sentimento e a compreensão do autor sobre a história mexicana e sobre seus problemas. O livro é uma via de interpretação para decifrar os enigmas da modernidade e da história do México. É uma indagação histórica, sociológica, psicológica sobre o homem e sobre a solidão que o rodeia.

Segundo Antônio Resende¹⁶, “*El Laberinto de la Soledad* tem conteúdo múltiplo, não pode ser visto apenas como um ensaio histórico-literário, além de expressar toda uma experiência intelectual vivida por Octavio Paz, suas leituras de Roger Caillois, Nietzsche, Freud, Marx, os surrealistas e tantos outros, sem que isso anule a subjetividade do autor e a singularidade da sua obra”. Outra influência teórica importante de Octavio Paz é o livro de Samuel Ramos *El Perfil del hombre y La Cultura en México*, texto clássico sobre a identidade mexicana publicado em 1934, na mesma década em que no Brasil saíram *Evolução Política do Brasil* (Caio Prado Júnior), *Casa Grande e Senzala* (Gilberto Freyre), *Raízes do Brasil* (Sérgio Buarque de Holanda)¹⁷.

Ao longo de todo ensaio, dividido em nove capítulos, Paz mostra-nos efetivamente a sociedade mexicana, sua história e as características do seu povo: o ser mexicano e suas contradições, as dificuldades de superar os traumas do passado colonial e de se inserir na modernidade, as máscaras que ocultam ou dissimulam sua personalidade, a forte presença da religião na sua cultura, a revolução e a política num país em que coabitam as relações ambíguas entre o sagrado e profano. Há também no livro, um propósito de apresentar as tradições mexicanas, suas festas, seus desejos de ruptura, suas perdas. Neste ensaio surge uma nova concepção de mexicano. Nesta concepção, ele é definido pela sua solidão, que o transforma em uma pessoa introspectiva, hermética. É um ensaio de caráter histórico, social e psicológico que aborda questões como o nacionalismo, a Revolução, a violência, a relação de dependência e as trocas culturais com os Estados Unidos. Também analisa as características da sociedade mexicana com suas contradições, máscaras, festas, mitos e simbologias.

Refletindo sobre a história mexicana, o autor acaba refletindo sobre si mesmo e sobre a condição humana: ao ser ele mesmo, o homem termina por universalizar-se, eis o cerne da dialética de Paz. Segundo Paz, há marcas, comuns a todos os homens, que nem o ritmo veloz da modernidade conseguiu destruir. A partir daí, poderíamos explorar a relação

¹⁶ REZENDE, Antônio Paulo. “Octávio Paz: as trilhas do Labirinto”. *Revista Brasileira de História- ANPUH*, v.20, n.39, 2000, p: 231- 232.

¹⁷ Idem, p: 232.

com os jogos dos contrários, com a dualidade, com a contradição: vida/morte, história/mito, eu/outro, tradição/ruptura. Paz descarta uma concepção linear de tempo, considerando a multiplicidade das suas representações. As relações entre o passado e o presente mostram como os tempos históricos se misturam e se confundem.

A sua análise está bastante influenciada pelas teses freudianas sobre a cultura e os conflitos humanos. A forma de o passado se repetir no presente revela o drama, não do mexicano, mas do ser humano em geral, as suas neuroses e angústias, a procura do equilíbrio que nunca se concretiza. As instituições da cultura, o mundo dito “civilizado” ao mesmo tempo em que proporcionou uma capacidade do homem de resolver seus impasses e construir seu domínio sobre a natureza, impõem regras, disciplinam, reprimem e controlam os desejos¹⁸. Há um mal-estar permanente que atravessa a construção da cultura. Tudo isso se relaciona com a condição humana, marcada pela imperfeição e pela mortalidade.

Partindo daí, Paz vê na solidão um sentimento de dimensão universal, um dos principais componentes da cultura moderna, elemento definidor do homem. A solidão, seria um conceito pensado ou experiência vivida, através da relação do eu com o outro, nossos espelhos, nossas referências para a construção das nossas identidades. A solidão expressa perda e distanciamento, dificuldade de se reconciliar com o outro, a nostalgia de algo que foi perdido, que nos tira a coragem de enfrentar o mundo, ou mesmo nosso desencantamento com as coisas que nos cercam. Assim, Paz mantém o olhar de desconfiança sobre o destino da humanidade.

Tudo isso nos lembra também a influência em Paz da filosofia de Nietzsche¹⁹, um dos grandes críticos da modernidade e dos seus valores. As mais importantes doutrinas da filosofia nietzscheana como, por exemplo, o niilismo, o mito do eterno retorno, a vontade de poder, a crítica à moral cristã, a crítica à massificação e à uniformização da humanidade pelos grandes formadores de opinião, (como os dirigentes políticos e os meios de comunicação), estão presente em *El Laberinto de la Soledad*. O niilismo de Nietzsche, na obra de Paz, revela um sentimento trágico com relação aos caminhos do homem, certa impossibilidade de romper com os limites, apesar dos feitos e invenções culturais do mundo contemporâneo.

A obra de Octávio Paz é vastíssima. Rompe com os gêneros tradicionais de escritura ao mesclar poesia e ensaio. Quanto a Gabriel García Márquez, consegue combinar exitosamente a linguagem literária e a jornalística, sendo também um escritor político, retratando e projetando a realidade latino-americana. *Cien Años de Soledad* e *El Laberinto de la Soledad* põem em dúvida os benefícios da modernidade, pois tanto Paz quanto García

¹⁸ FREUD, Sigmund. “O Mal-Estar da Civilização”. *Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

¹⁹ NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Hemus, 1985. A visão do eterno retorno é um dos pilares desta obra, e que mais nos lembra a filiação de Paz a este autor.

Márquez concordam que foi a inserção da América Latina na era moderna o elemento que desarticulou com a identidade do povo do continente, com a perda de sua memória e de uma história que pulsava e que era viva, muitos anos antes da vinda dos espanhóis.

Ambos são críticos da filosofia do progresso e narram um nostálgico passado que se perdeu. Suas obras invocam um certo pessimismo que nos lembraria Walter Benjamin e (assim como este), buscam compreender a história do continente sob a ótica dos vencidos, reconhecendo a si mesmos e sendo assim testemunhos ativos da história. García-Márquez e Paz vêem a Literatura como um instrumento que pode servir à História e que pode fornecer as pistas para refletir sobre a identidade e os caminhos percorridos pelo homem latino-americano. Utilizam a história como substrato para a análise do passado, permitindo assim novos leques de interpretação.